

entrevista

"Não há autor responsável, em qualquer área, que não desenvolva um pensamento teórico"

Affonso Romano de Sant'anna

1

Desde que publicou seu primeiro livro, notadamente intitulado *O Desemprego do Poeta*, em 1962, e depois desse seguiram-se dezenas de poemas, ensaios e crônicas, **Affonso Romano de Sant'anna** vem aliando pensamento e ação voltados para a leitura e a poesia, seja na sala de aula das diversas universidades onde lecionou, seja quando esteve à frente da Biblioteca Nacional ou onde quer que esteja. Na entrevista a seguir, buscamos dialogar com esse compromisso do poeta de pensar, escrever e repensar a possível poesia e seus desdobramentos inevitáveis.

Adriano Lobão Aragão
Herasmo Braga
Wanderson Lima

Adriano Lobão Aragão - Como você avalia o incentivo à leitura e os eventos literários promovidos atualmente no Brasil?

Affonso Romano de Sant'anna - Olha, depois de muitos anos batalhando nessa área, posso dizer que a questão da “leitura” passou a ser preocupação de várias esferas do governo, e o governo federal está fazendo progressos nisto. O que fazíamos na Biblioteca Nacional com o antigo Proler(1990.1996), agora está disseminado. Levaram para o Minc, o Fabiano dos Santos que desenvolveu no Ceará aquela política dos “agentes de leitura” de que falávamos: cada um desses “agentes” tem uma bicicleta com livros, um número determinado de famílias para visitar periodicamente, faz programas de leitura, conversa, enfim, age complementarmente ao “agente de saúde”. No Acre, Gregório Filho criou mais de 100 Casas da Leitura. Hoje há no país uns 3 mil projetos de promoção da leitura. Estive como jurado do “Viva Leitura”, patrocinado pela Organização dos Países Iberoamericanos, e foi emocionante premiar trabalhos feito entre índios, entre favelados, entre comunidades carentes no interior. Por outro lado, o país está tendo uma série de eventos literários, que estão pondo a literatura na pauta da imprensa: Fliporto (Pernambuco), Flip (Paraty), Jornada de Literatura (Passo Fundo),

etc. Ou seja, empresas e governos descobriram que a “leitura” dá ibope. Mais ainda: que é o caminho para alavancar o país, que pretende ser a 5ª economia do mundo em 2016.

Wanderson Lima - Terry Eagleton afirma que a crítica literária perdeu, nos últimos anos, sua relevância social, passando a fazer parte "do ramo de relações públicas da indústria literária" ou transformando-se numa questão "inteiramente interna às academias". O senhor endossa esse ponto de vista?

2

Affonso - O fenômeno é o mesmo lá e aqui. (Aliás, o Eagleton foi demitido da universidade recentemente por suas posturas críticas). É preocupante a transformação cultural velocíssima por que estamos passando. Do jeito que a coisa vai, o crítico vai ter que usar o *twitter*, pois qualquer editor de suplemento recebe mais de 100 livros por semana. Não há espaço no jornal para todos. Nem nas livrarias. Vai ver que o crítico deve fazer um juízo de 140 batidas para (des)orientar o público. Assim muito mais autores seriam contemplados. O que caracteriza basicamente a cultura “contemporânea” é isto, fragmentação e superficialidade. E a pressa de fazer sucesso.

Adriano - Já existem autores propondo a "publicação" de romances via *twitter*. *Sites* e *blogs* já são constantemente utilizados por autores em busca de divulgação e publicação de seus escritos. Seria esse o futuro da literatura enquanto editoração?

Affonso - A pressa é inimiga de várias coisas. Da literatura, por exemplo. Ficar correndo atrás de “suportes” novos é um vício “contemporâneo”. A pessoa acha que tendo a forma, resolve o conteúdo. Nem sempre. Quase nunca. Eu tenho *site* e *blog* (o *twitter* ainda não porque essas coisas tomam o tempo), mas a literatura que surge nesses espaços aspira mesmo é chegar ao livro. Aprendi a desconfiar de suportes quando era presidente da Biblioteca Nacional e vi a Biblioteca do Congresso de Washington botar 200 milhões de dólares para converter seu acervo em CD-Rom... poucos meses depois o CD-Rom já era coisa do passado. Por outro lado, é claro que a eletrônica descentralizou a publicação, converteu o antigo “modelo estrela” (irradiado de um centro), para o modelo do policentrismo. E isto altera nossa postura no mundo. Lembra de quando há 40 anos falávamos de “descentramento” lendo Foucault, Lacan, Derrida e outros brilhantes sofistas? A coisa aconteceu mesmo foi com a internet.

Wanderson - A poesia brasileira está em crise? Se está, trata-se de um problema puramente literário ou tem a ver com uma crise geral na sociedade?

Affonso - Como eu disse numa conferência (que acaba de ser publicada) no ano passado na abertura do encontro internacional de poesia promovido pela Biblioteca Nacional de Brasília, quando comecei a escrever e a publicar poesia, nos anos 50, fui notificado que a poesia havia morrido. Entrei, então, num “cemitério”. Maneira estranha de começar a vida literária. E dei-me conta que há quase cem anos, os poetas estavam decretando a “morte da poesia” e, paradoxalmente, que ela estava vivendo de morrer. Isto faz parte de algo que analiso em O ENIGMA VAZIO: o século XX (ou a modernidade) gosta de matar, de assassinar coisas: morte do teatro, morte da música, morte do romance, morte da dança, morte do cinema, morte do homem, morte de Deus... (e o Diabo rindo...). Naquele livro analiso essa síndrome (... se não a analisarmos não sairemos desse cemitério). E é preocupante que isto ocorra no século em que houve os maiores

morticínios nos campos de concentração nazistas, na Rússia e na China. Aliás, meu primeiro livro “O Desemprego do Poeta” (1962), era um ensaio sobre isto. Posteriormente, o poema longo “A Grande Fala do Índio Guarani” (1978) volta a isto: “Onde leria eu os poemas de meu tempo? Como leria eu os poemas de meu tempo? Quando leria eu os poemas de meu tempo? Quem leria o poema de meu tempo?”. Quem não tem um pensamento crítico sobre essa coisa esquisita chamada pós-modernidade fica totalmente perdido. Muitos (dentro e fora da universidade) compraram o pacote pós-moderno, se vangloriam de fazer pastiches e estão sendo devorados por uma ideologia que os ultrapassa. É o caso do antropófago ingênuo.

3

Adriano - Até que ponto a preocupação teórica influencia sua produção literária?

Affonso - Não há autor responsável, em qualquer área, que não desenvolva um pensamento teórico. Como alguém já disse, no plano da filosofia do conhecimento, todo mundo tem uma epistemologia, e quem diz que não tem nenhuma, tem é uma péssima epistemologia. Claro que a teoria pode envenenar, turvar a criatividade. Sempre me precavi quanto a isto, e um livro como “poesia Sobre Poesia” dramatiza e ironiza isto. Há que saber onde está o “professor” e onde o “criador”. Clarice, em “A Maçã no Escuro”, faz um professor dizer que não poderia escrever um romance porque já tinha todas as soluções. Conheço um professor, por exemplo, que se esforça desesperadamente para ser romancista. Consegue elogio de colegas, resenhas aqui e ali, mas não adianta, é professor, não é romancista.

Esse assunto é fascinante, porque Barthes, por exemplo, disse uma coisa acertada: no princípio de sua carreira o professor ensina o que sabe, mas o melhor é quando ele começa a ensinar o que não sabe. Bom, poder-se-ia dizer que nesse caso, ele já está sendo um criador, um romancista. Mas veja como isso é complexo. Veja como o próprio Barthes se atrapalha se atrapalha com isto, pois em vários momentos de sua obra o romancista irrealizado dentro dele dá uma rasteira no crítico que ele é. Mete a mão pelos pés (sempre com elegância), como demonstrei ao analisar sua crítica a Cy Twombly. Aliás, Barthes confessava que queria ser romancista. A propósito e a título de provocação: já está passando da hora de se operar uma revisão crítica daqueles que fizeram nossa cabeça lá pelos anos 60: Barthes, Foucault, Derrida, Lacan, Deleuze, etc. Pessoas notáveis cometem notáveis equívocos.

Adriano - E em relação ao cânone de poesia brasileira? Que revisão o senhor julga necessária?

Affonso - Tenho vários ensaios onde considero a relatividade da história, dos próprios conceitos de história. Imaginá-la como algo pétreo é um equívoco. Sobre coisas recentes, duas, pelo menos, têm que ser revistas: houve uma supervalorização das vanguardas dos anos 50-60. Eu vi, participei disto. Fui um dos organizadores da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda(1962) e fazendo auto crítica daquele momento, vejo o Concretismo diminuir de importância cada vez mais. Por sua vez, o Neoconcretismo não gerou obra literária digna deste nome é pura estratégia política e de disputa do poder. A Poesia Marginal, que ajudei a parir, em 1973, no “Jornal de Poesia” do JB e na “Expoesia” na PUC-RJ (que congregou 600 poetas) precisa ser revista. Ana Cristina César e Leminski estão superdimensionados.

Adriano - E poetas subestimados?

Affonso - Poderia citar alguns (recentes) que mereceriam mais atenção. O Paulo Mendes Campos é um exemplo. Quer ver outra coisa curiosa: o Geir Campos. Como era moda esculhambar a Geração 45, que ficou exprimida entre 22 e as vanguardas, o Geir Campos está sendo esquecido. Ele é um poeta não só competente, mas com coisas interessantes, e uma delas é ter feito um livro inteiro sobre o amor a três, louvando a mulher e o amante da mulher. Algo sem paralelo em nossa cultura machista. Agora a Britney Spears está lançando um *clipping* sobre amor a três e está todo mundo ouriçado, mas o Geir... Tem outro poeta interessante nesse grupo, o Bueno de Rivera, sobre o qual fiz uma antologia pra Global.

4

Outro problema é meio regional-geográfico e acaba sendo cultural. Há alguns poetas muito interessantes fora do eixo Rio-São Paulo. Vou citar o Alcides Buss, lá de Santa Catarina. Poderia falar também do Sergio Castro Pinto lá da Paraíba. Quanto às mulheres, não esquecer Neide Archanjo e Astrid Cabral. Enfim, é necessário outro levantamento, semelhante ao que fez Assis Brasil quando produziu várias antologias sobre os poetas nos diversos estados.

Certa vez, pensei em fazer uma antologia chamada: “Romanceiro da Poesia Perdida na Década de 60 e 70”. Era o tempo da ditadura. E eu agitava muito, fazendo movimentos, crítica, etc. Então pensei em publicar um volumão com poemas ótimos de poetas que mandavam coisas para mim e para concurso (e não eram premiados). Em parte porque às vezes no livro deles, tinha 3 ou 4 poemas geniais e o resto era ruim. Mas se reunisse o genial dentro da ruindade daria uma visão formidável de nossa poesia. Aliás, como era com os Cancioneiros e Romanceiros da antiguidade. Isto teria que ser feito para se salvar do aniquilamento uma excelente poesia eventual que se faz. Tenho até um poema sobre essa poesia que se perdeu (e se perde)...

Herasmo Braga - Na sua obra "O Enigma do vazio", o senhor foi bastante ousado em desfigurar discursos sacralizados de Octavio Paz, Jacques Derrida, Roland Barthes, Marcel Duchamp. Caracterizou bem a "crítica do endosso" e um "arco-íris verbal sobre o nada". Hoje, será que continuam a ser esses mesmos dizeres reinantes nas academias e na crítica literária?

Affonso - Achei mais produtivo em vez de analisar os discursos dos repetidores (“vendedores autorizados”) ir logo à fonte. E fiquei pasmo ao constatar, como os notáveis cometem notáveis equívocos. Chega de fazer leituras subalternas, de joelho. É bom ler de pé, sem concessões, os mestres que nos formaram nos anos 60. São pessoas fascinantes, brilhantes sofistas, mas uma análise rigorosa do discurso que elaboram mostra o que chamo de “oxímoro paralisante”, que está brilhantemente também em Deleuze. Esses franceses são viciados em retórica, vivem num barato verbal incrível. O caso de Duchamp é alarmante. A crítica de arte oficial, – essa arte oficialista – como diz Howard Becker, lê Duchamp de maneira totalmente anti-duchampiana. E até hoje não tiveram a curiosidade ou ousadia de analisar o discurso dele. Ao contrário, repetem suas “boutades” e algumas de suas tolices como se fossem grande achados filosóficos. Sei que estou escandalizando muita gente. Mas devo lhes afiançar que eu fiquei igualmente escandalizado ao constatar que o rei estava nu e as pessoas continuam a vesti-lo verbalmente com discursos que não resistem à análise. Estendendo isto ao plano literário e filosófico adiante: é necessário elaborar outra

episteme. Essa que anda por aí, numa vulgata de Nietzsche, presa ao século passado, não dá conta da complexidade atual. Não é se rejubilando e se espostejando no pântano da confusa pós-modernidade que se terá uma lúcida visão. É preciso ir além do universo quântico sem cair no universo de Newton.

Herasmio - Pierre Bayard, em seu livro “Como falar dos livros que não lemos?”, trabalha a idéia da desnecessidade de ler todos os livros tidos como referências. O mais importante para ele seria se situar entre as leituras e tornar as conversas ambientes agradáveis sobre um livro em que não se leu. Qual a sua concepção a respeito dessa ideia que, apesar de ser expressa na obra de Bayard, caracteriza bem o tipo de atuação comum em nosso meio "pós-moderno"?

5

Affonso - Por coincidência, estava eu em Paris quando saiu esse livro. Fiz uma crônica-crítica para os jornais em que colaboro e a Câmara Brasileira do Livro reproduziu o texto na sua revista. O livro dele tem umas coisas interessantes, como a desmistificação que temos que ler “tudo”. Mas corre o risco de ajudar a leviandade quando reforça os alunos que “chutam”, que tapeiam os professores como se fossem muito “inventivos”. O livro dele, diria, é “pós-moderno”, acaba fazendo (involuntariamente?) apologia da pressa, da superficialidade, da cultura auditiva. E isto é reforçar o que de pior tem essa cultura com esse nome tolo de “pós-moderna”. Acresce uma coisa curiosa. Se na cultura francesa, que se supõe ser mais leitora que a brasileira, esse livro faz sentido, no Brasil é hora de ler uma obra de dois americanos dos anos 40 “Como ler um livro”, de Adler e van Doren (Ed.Universidade/Francisco Alves). O livro ainda tem que ser apresentado aos brasileiros.

Adriano - Esse livro em questão ou o "Livro"?

Affonso - Ah, sim, é bom esclarecer que: aliás, “o” livro, enquanto instrumento de cultura, tem que ser apresentado aos brasileiros. Muitos já ouviram falar que existe esse objeto misterioso e mágico. Outros talvez nem tenham ouvido.

Adriano - No documentário Poeta de Sete Faces, o senhor afirma que Drummond lançou a pedra fundamental de sua poesia na primeira estrofe do primeiro poema de seu primeiro livro, Alguma Poesia. E para a sua poesia? O senhor indicaria a pedra fundamental?

Affonso - Olhando minha obra de trás pra frente, vejo que nos dois primeiros livros estavam os fundamentos de minha obra. Em “O desemprego do poeta”(1962) – livrinho de ensaio quando era ainda estudante universitário –, a perplexidade de ser poeta e procurar seu espaço na história e na cultura do meu tempo. Em “Canto e Palavra” (1965) a superação do falso dilema que estabeleceram nos anos 50 e 60 entre a poesia intuitiva, que emana diretamente do inconsciente (canto) e a poesia (dedutiva) que se articula como um projeto consciente. É um livro pós-vanguardas. Em síntese:

SOU O GUERREIRO
A PALAVRA A SETA
O OBJETO A META:
-O GUERREIRO SOLTA A SETA
E NO ALVO SE COMPLETA.

Affonso Romano de Sant'anna nasceu em Belo Horizonte, 1937. Poeta, ensaísta e cronista, autor, dentre diversos outros, de "Poesia sobre Poesia" (1975), "A Grande Fala do Índio Guarani" (1978), e "Que País é Este?" (1980) . [Site oficial](#).

Adriano Lobão Aragão é poeta e professor, autor de Uns Poemas (1999), Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra (2005), Yone de Safo (2007) e As Cinzas As Palavras (2009).

Herasmo Braga é mestre em Literatura pela UFPI.

Wanderson Lima é poeta e ensaísta. Professor de literatura da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e doutorando em Literatura Comparada pela UFRN. Autor, entre outros, de *Reencantamento do mundo: notas sobre cinema* (amálgama, 2008), em co-autoria com Alfredo Werney.